

DE ÍNDIOS, CAMPONESES, BANDIDOS E DOENTES: A FACETA POPULAR DA REVOLUÇÃO MEXICANA NOTICIADA POR GRANDES JORNAIS BRASILEIROS E ARGENTINOS – UMA ANÁLISE COMPARADA (1910-1914)

Natally Vieira Dias¹

Departamento de História
Universidade Estadual de Maringá

Recebido: 01/04/2016
Aprovado: 13/05/2016

Resumo: Este artigo compara a repercussão dos primeiros anos da Revolução Mexicana nos grandes diários brasileiros e argentinos, representados por *Gazeta de Notícias*, *O Estado de São Paulo* e *Minas Gerais*; *La Prensa*, *La Nación* e *La Razón*. O foco do trabalho é compreender como um movimento de intensa participação popular, sobretudo camponesa, foi interpretado e noticiado por órgãos de imprensa ligados a grupos das elites sociais de seus respectivos países e marcadamente vinculados ao universo urbano.

O uso do método comparativo permitiu aprofundar a análise no sentido de colocar em destaque as nuances envolvidas nas interpretações produzidas pelos editores dos jornais sul-americanos, evidenciando elementos como a dissociação das facetas política e social do processo revolucionário mexicano e, sobretudo, as diferentes identificações – como camponeses, índios, etc. – dos grupos populares que participaram da Revolução Mexicana.

Palavras-chave: Revolução Mexicana; Participação Popular; Imprensa Sul-Americana.

DE INDÍGENAS, CAMPESINOS, BANDIDOS Y ENFERMOS: LA FACETA POPULAR DE LA REVOLUCIÓN MEXICANA NOTICIADA POR GRANDES PERIÓDICOS BRASILEÑOS Y ARGENTINOS: UN ANALISIS COMPARATIVO (1910-1914)

Resumen: Este artículo compara la repercusión de los primeros años de la Revolución Mexicana en grandes diarios brasileños y argentinos, representados por *Gazeta de Notícias*, *O Estado de São Paulo* y *Minas Gerais*; *La Prensa*, *La Nación* y *La Razón*.

El objetivo principal es comprender cómo ese movimiento de gran participación popular, sobre todo campesina, fue interpretado y noticiado por órganos de prensa vinculados a grupos de las élites de sus respectivos países y señaladamente afines al universo urbano.

A través de la comparación se profundiza el análisis en el sentido de poner en tela los matices de las interpretaciones producidas por los editores de los periódicos sudamericanos, evidenciando elementos como la disociación entre las facetas política y social del proceso revolucionario mexicano y, principalmente, las distintas identificaciones – como campesinos, indios, etc. – de los grupos populares que participaron en la Revolución Mexicana.

Palabras clave: Revolución Mexicana; Participación Popular; Prensa Sudamericana.

¹E-mail: natyvdias@gmail.com.

A Revolução Mexicana foi um evento histórico de grande repercussão internacional, tendo sido um dos mais noticiados pelas agências transnacionais de notícias antes da eclosão da Primeira Guerra. A grande imprensa latino-americana, como um privilegiado espaço do debate político da época, desenvolveu interpretações e suscitou discussões sobre os acontecimentos mexicanos desde o início do movimento revolucionário. Neste artigo, apresentamos uma análise comparativa de como os eventos dos primeiros anos da Revolução Mexicana – principalmente a participação popular no movimento revolucionário – repercutiram em alguns dos principais jornais brasileiros e argentinos da época: *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro; *O Estado de São Paulo* (OESP) e *Minas Gerais*; e os portenhos *La Nación*, *La Prensa* e *La Razón*.²

A modalidade da história comparada empregada neste trabalho remonta à bem conhecida proposta de Marc Bloch, de comparar sociedades sincrônicas e geograficamente próximas, partindo de um fenômeno histórico específico.³ Como bem sintetizou José D'Assunção Barros como sendo característico dessa “história comparada probematizadora”, trata-se de “examinar sistematicamente como um mesmo problema atravessa duas ou mais realidades histórico-sociais distintas”.⁴ Acreditamos que uma análise desse tipo apresenta-se bastante pertinente em estudos sobre países latino-americanos, já que os “paralelismos históricos”⁵

²A escolha dos jornais para a comparação procurou contemplar a região mais expressiva de cada país dos pontos de vista político, cultural e econômico, o que fez com que, no cenário brasileiro, não nos ativésemos aos periódicos da então capital federal. No caso argentino, ao contrário, todos os diários tomados como fonte são de Buenos Aires, já que a cidade concentrava uma proeminência nacional quanto aos três aspectos. No contexto brasileiro, o jornal *Minas Gerais* possui uma especificidade na comparação com os demais, por tratar-se do órgão oficial do governo do estado. Consideramos que a escolha de um jornal mineiro é de grande relevância, já que o estado era uma das principais forças políticas do país à época; no entanto, o mais importante periódico noticioso de Minas era o próprio diário oficial, que dedicava, inclusive, um significativo espaço aos assuntos internacionais. Assim, atentando-nos para a necessidade de levar devidamente em conta a especificidade deste jornal ao compará-lo com os outros estudados, consideramos que utilizá-lo na comparação também permite enriquecer a análise com a inclusão de uma “voz do poder”.

³BLOCH, M. Pour une histoire comparée des sociétés européennes. In: __. **Mélanges historiques**. Tomo 1. Paris: SEVPEN, 1963. p. 18-19. As citações e referências indiretas à bibliografia em língua estrangeira foram traduzidas pela autora deste artigo.

⁴BARROS, J. D'A. História Comparada – da contribuição de Marc Bloch à constituição de um moderno campo historiográfico. **História Social**, Campinas, n. 13, p. 7-21, 2007. p. 20.

⁵A expressão é do historiador francês Alain Rouquié e refere-se aos grandes marcos históricos que perpassam a história dos países latino-americanos, tais como a colonização, iniciada no século XVI, e as independências políticas em inícios do XIX. (ROUQUIÉ, Alain. **O Extremo-Occidente: introdução à América Latina**. São Paulo: Edusp, 1991. p. 28). Para o período abordado neste

existentes entre essas sociedades tendem a potencializar a percepção de similitudes e também tornar mais evidentes as especificidades de cada contexto nacional, quando tomamos conjunto continental como referência.⁶

Assim, empregamos a comparação como base metodológica para analisar como um movimento revolucionário de inegável alcance popular, como o iniciado em 1910 no México, foi interpretado por setores das elites político-intelectuais à frente de órgãos da grande imprensa⁷ em dois outros cenários nacionais (Brasil e Argentina), que apresentavam demandas políticas e sociais semelhantes às existentes no contexto mexicano.

O processo revolucionário iniciado em 1910 no México foi o primeiro e mais radical dos movimentos de derrubada da ordem oligárquica que marcaram a primeira metade do século XX na América Latina. Muitas das demandas sociais envolvidas na Revolução Mexicana – tanto reivindicações trabalhistas quanto de reforma agrária, que incluíam desde uma distribuição mais justa da terra até a manutenção das terras comunais indígenas – encontravam-se presentes em outros países latino-americanos, o que transformava a experiência revolucionária daquele país em um possível catalisador de movimentos sociais em outros países da região. Além da existência de demandas sociais semelhantes, a notícia da deflagração do

artigo, destacamos como elemento sincrônico dessas sociedades a intensa modernização socioeconômica experimentada desde as últimas décadas do século XIX e comportada, no plano político, por regimes oligárquicos, tais como a ditadura de Porfirio Díaz no México, o regime do “unicato” do Partido Autonomista Nacional (PAN) na Argentina e a Primeira República no Brasil.

⁶Sobre os usos da história comparada em estudos sobre sociedades latino-americanas, consultar: PRADO, M. L. C. Repensando a história comparada da América Latina. **Revista de História**, São Paulo, n. 153, p. 11-33, 2005.

⁷O termo “grande imprensa” refere-se aos grandes jornais-empresa latino-americanos surgidos na segunda metade do século XIX, no contexto da modernização, caracterizados por grandes tiragens, preços mais acessíveis, informação ágil e significativo espaço para publicidade, sendo definidos por sua independência estrutural em relação ao Estado ou a quaisquer grupos políticos aos quais pudessem se vincular. À exceção do jornal *Minas Gerais*, que era o diário oficial do governo do estado, todos os outros órgãos de imprensa analisados neste trabalho possuíam tal perfil. O próprio jornal mineiro, apesar de seu caráter oficial, cumpria também o papel de imprensa de notícias no período, visto que ainda não havia uma grande imprensa consolidada em Minas. A respeito do desenvolvimento histórico da imprensa brasileira, o clássico livro de Nelson Werneck Sodré, **História da imprensa no Brasil**, continua sendo uma referência obrigatória. Em obra mais recente, Marialva Barbosa desenvolve uma análise sobre o tema, circunscrevendo-se à cidade do Rio de Janeiro: **História social da imprensa. Brasil (1900-2000)**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. No caso da Argentina, são fundamentais os trabalhos de Sylvia Saítta, especialmente o artigo “El periodismo popular en los años veinte”. In: FALCÓN, R. **Nueva historia argentina. Democracia, conflicto social y renovación de ideas (1916-1930)**. Buenos Aires: Sudamericana, 2000. p. 229-282; 435-469.

movimento mexicano encontrou, no Brasil e na Argentina, cenários políticos de muita tensão, marcados por fortes debates e divisões dentro das próprias elites políticas a respeito da necessidade, ou não, de uma maior abertura de seus regimes oligárquicos.

No caso argentino, em 1910 a ala reformista do Partido Autonomista Nacional (PAN) – que dominava a política do país no período – assumiu o poder e, em 1912, aprovou uma lei que instituía o voto secreto e obrigatório a todos os homens maiores de 18 anos. Desde então, até os resultados práticos dessa lei potencialmente democratizante – que viriam nas eleições de 1916 –, o cenário político argentino esteve profundamente marcado pelo debate entre os partidários do reformismo e os que pretendiam conservar a ordem oligárquica.⁸ Discussões semelhantes ocorriam no Brasil e giravam em torno das feições do regime republicano recém instalado. Especificamente no período analisado, a candidatura e posterior eleição do marechal Hermes da Fonseca, em 1910, aprofundou ainda mais o debate, recolocando a questão do militarismo que havia dominado o início da República, principalmente a partir das intervenções militares realizadas pelo governo federal nos estados que não haviam aderido à candidatura do marechal.⁹

No caso brasileiro, a difícil situação política foi agravada pela emergência de intensos conflitos sociais, principalmente no campo, conferindo um caráter crítico ao governo reformista. As intervenções militares nos estados acabaram desencadeando disputas locais e, em alguns casos, intensificando os conflitos sociais rurais, que foram outro grande foco de tensão do período. Um dos conflitos mais emblemáticos desse contexto ocorreu no Ceará, onde a intervenção federal, em 1912, desembocou numa longa luta de facções, que durou até 1914. A disputa entre as elites locais, agravada pela intervenção, ligou-se, ainda, ao conflito popular de origem religiosa que envolvia o padre Cícero, na região de Juazeiro, e acarretou

⁸ Sobre a ordem oligárquica argentina e os debates e disputas que marcaram o cenário político do país no período abordado, consultar: BOTANA, N. **El orden conservador: la política argentina entre 1880 y 1916**. Buenos Aires: Debolsillo, 2005.; BOTANA, N.; GALLO, E. **De la república posible a la república verdadera (1880-1910)**. Buenos Aires: Emecé, 2007.

⁹ As intervenções federais foram realizadas com apoio do Exército e sob o respaldo do recurso intervencionista disposto na Constituição, sendo justificadas como necessárias para a “salvação da democracia”, em nome da “depuração do regime republicano”. Cf. SOUZA, M. C. C. O processo político partidário na Primeira República. In: MOTA, C. G. (Org.). **Brasil em perspectiva**. São Paulo: DIFEL, 1984. p. 204.

uma forte mobilização de grupos de cangaceiros. Contemporaneamente aos conflitos no nordeste, desencadeou-se, na região sul, a Guerra do Contestado. Esses dois conflitos, caracterizados enquanto “manifestações políticas da religiosidade popular”,¹⁰ encontravam suas raízes na situação de marginalização das populações camponesas, que não se distanciava muito daquela enfrentada por boa parte dos mexicanos que se lançaram no movimento revolucionário.

Foi, portanto, em meio a conturbados cenários nacionais que brasileiros e argentinos tomaram conhecimento do início da revolução do México, um movimento que emergia de críticas ao sistema político muito semelhantes às aquelas existentes em seus próprios países, mas que logo se radicalizava incorporando demandas sociais e deitando abaixo a ordem oligárquica através das armas e com enorme participação popular.

A Revolução Mexicana via agências transnacionais de notícias: origens de uma visão pejorativa dos revolucionários mexicanos

A repercussão dos acontecimentos dos primeiros anos da Revolução Mexicana nos grandes jornais brasileiros e argentinos foi bastante significativa, se considerarmos que se tratavam de eventos ocorridos em um espaço geograficamente distante e sem implicações diretas sobre os dois países sul-americanos. Entre 1910 e 1914, centenas de notas telegráficas e pequenas notícias sobre o México foram publicados em grandes órgãos de imprensa, tanto do Brasil quanto da Argentina, e, no mesmo período, a situação mexicana também ganhou destaque em editoriais e artigos assinados em importantes jornais de ambos os países.

A presença sistemática do processo revolucionário mexicano na imprensa sul-americana se explica, em grande medida, pela intensa difusão internacional que o tema alcançou, através das agências de notícias, que configuravam, já naquele momento, uma rede mundial de informação dominada por grandes

¹⁰ HERMANN, J. Religião e política no alvorecer da República: os movimentos de Juazeiro, Canudos e Contestado. In: FERREIRA, J.; DELGADO, L. A. N. (Org.). **O Brasil republicano: o tempo do liberalismo excludente**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 123.

agências transnacionais.¹¹ Como os jornais brasileiros e argentinos não possuíam enviados no México e, em geral, não tinham acesso direto a fontes mexicanas, a imprensa internacional foi sua principal fonte de informações sobre os acontecimentos do país revolucionário.

A dependência quase que exclusiva de informações fornecidas pelas agências de notícias, no que dizia respeito aos assuntos internacionais, criava um cenário que tendia à homogeneização do discurso dos jornais no âmbito da publicação de notas informativas sobre acontecimentos ocorridos em outros países. Essa tendência excedia à dimensão do conteúdo e permeava, inclusive, a forma dessas notícias, que quase nunca extrapolava o formato típico da nota telegráfica. Obviamente esse panorama teve implicações importantes sobre a abordagem do tema da Revolução Mexicana nos jornais analisados. Pelo menos no início do movimento mexicano, o assunto tendeu a ser tratado de forma fragmentária e descontextualizada, a partir do “padrão do ‘fato’”, “normatizado e controlado pelas agências [de notícias]”. Como mostram os estudos de Maurice Mouillaud sobre a relação entre forma e conteúdo no discurso da imprensa, é esse “padrão” informacional que submete os acontecimentos, independentemente de sua natureza ou origem, a um mesmo formato, baseado no princípio da agilidade, o que implica fatalmente na descontextualização dos acontecimentos, decorrente da priorização da informação em detrimento da análise.¹²

Em relação ao conteúdo, as notícias reproduzidas pelos jornais estudados permitem observar que circulavam pela imprensa internacional informações predominantemente negativas e inclusive pejorativas em relação ao México, aos mexicanos e ao movimento revolucionário que ocorria naquele país. De uma forma geral, o discurso veiculado pelas notas telegráficas distribuídas pelas agências de notícias esteve caracterizado pela ênfase na violência do processo revolucionário, com destaque para supostos atos de barbárie atribuídos genericamente aos

¹¹As principais agências de notícias do período eram a francesa Havas, a alemã Wolff e a estadunidense Associated Press. Sobre o surgimento e a história das agências internacionais de notícias, ver: REYES MATTA, F. A evolução histórica das agências transnacionais de notícias no sentido da dominação. In: _____. **A informação na nova ordem internacional**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. p. 55-72.

¹²MOUILLAUD, M. Da forma ao sentido. In: MOUILLAUD, M.; PORTO, S. D. (Org.). **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo 15, 1997. p. 32-5.

“revolucionários mexicanos” ou, em grande parte dos casos, aos “zapatistas”. Em geral, costuma-se identificar que “o telégrafo estadunidense foi o responsável por difundir, nos dois lados do Atlântico, falsas notícias, muitas vezes injuriosas, a respeito do México e de sua Revolução.”¹³ Mas a questão da produção e veiculação de notícias detratadoras e infundadas sobre os revolucionários mexicanos durante a guerra civil parece ser ainda mais complexa.

De fato, é possível atribuir principalmente aos Estados Unidos e, mais particularmente, à agência Associated Press – que já estava incluída no cartel da informação ao lado da francesa Havas, da inglesa Reuther e da alemã Wolff – a origem da maior parte das notícias sobre o México revolucionário que circulavam internacionalmente. Essa situação decorria do fato de que essas agências operavam por meio de um sistema de intercâmbio de notícias, pelo qual a estadunidense era a responsável pela captação das mesmas em toda a América do Norte. No caso das informações sobre o México, a situação que se configurava era a seguinte: embora, pelo sistema de acordos que vigorava entre as agências, a francesa Havas fosse a responsável pela distribuição de notas telegráficas para a América do Sul, as notícias referentes à parte norte do continente eram, em geral, captadas pela estadunidense Associated Press.¹⁴ Essa situação é evidenciada nas páginas dos jornais estudados, posto que a grande maioria das notícias sobre o México, tanto no caso do Brasil quanto no da Argentina, apontava a agência Havas como fonte das informações, mas, em sua maior parte, essas mesmas notas indicavam os Estados Unidos como lugar de onde teriam se originado as informações. Algumas vezes as notas remetiam diretamente sua origem à agência estadunidense, mas mesmo quando se tratavam de notícias que apontavam a Havas como fonte, seu lugar de origem era normalmente atribuído aos Estados Unidos.

Por outro lado, é necessário ressaltar que o aspecto geral das notícias detratadoras dos revolucionários mexicanos, reproduzidas nos jornais sul-

¹³YANLELEVICH, P. **Miradas australes: propaganda, cabildeo y proyección de la Revolución Mexicana en el Río de la Plata, 1910-1930**. México: Instituto Nacional de Estudios Históricos de la Revolución Mexicana, Secretaría de Relaciones Exteriores, 1997. p. 83-4.

¹⁴Sobre a atuação das agências transnacionais de notícias através do sistema de acordos no período abordado, cf. REYES MATTA, A evolução histórica... Op. Cit. e BARBIER, F.; LAVENIR, C. B. **Historia de los medios: de Diderot a Internet**. Buenos Aires: Colihue, 2007. p. 147-174.

americanos a partir das informações provenientes da imprensa internacional, revelam exatamente os mesmos traços da “visão contra insurgente”, identificada pela historiadora Daniela Marino como tendo sido produzida por órgãos de imprensa de dentro do próprio México. Segundo a autora, o principal alvo desse discurso foi o movimento liderado por Emiliano Zapata, cuja organização foi questionada e enfatizado seu suposto estado primitivo e semisselvagem. Os camponeses sulistas foram descritos por meio do emprego de termos barbarizantes, tais como “hordas”, “ferozes” e “bandidos”, e seu principal líder identificado como “o Átila do sul”. A ênfase desse tipo de notícias recaiu quase sempre em fuzilamentos e outros atos de barbárie supostamente praticados pelos zapatistas, além da difusão de rumores de assassinato dos principais líderes do movimento. Ainda segundo Marino, o fato do zapatismo ter sido o movimento revolucionário mais estigmatizado pelo discurso contra insurgente pode ser explicado, em grande medida, por sua composição social majoritariamente indígena, além de camponesa e analfabeta.¹⁵

No que diz respeito à apropriação que os jornais argentinos e brasileiros fizeram das informações que circulavam sobre o México através da imprensa internacional, cabe notar que, ainda que essas notícias tenham influenciado diretamente suas abordagens sobre a Revolução Mexicana, as interpretações produzidas pelos editores dos periódicos em momento algum foram condicionadas pelas notas recebidas. Ao contrário, mesmo no início do movimento mexicano, quando os diários sul-americanos praticamente se limitaram à publicação de notas telegráficas, as referências que fizeram aos acontecimentos do México foram muito distintas e a simples seleção das notas recebidas, realizada pelos editores de cada um dos jornais, atesta a diversidade de abordagens possíveis unicamente com a reprodução dessas.

¹⁵MARINO, D. Dos miradas a los sectores populares: fotografiando el ritual y la política en México, 1870-1919. **Historia Mexicana**, v. 48, n. 2, p. 236, 1998. Disponível em <http://historiamexicana.mx/pdf/131art_13_1872_16020.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2009.

Entre informação e opinião: o movimento revolucionário mexicano à luz dos debates políticos no Brasil e na Argentina

Os primeiros eventos relacionados ao processo revolucionário mexicano repercutiram quase imediatamente nos jornais analisados. No mesmo dia estabelecido pelo Plano de Madero (Plan de San Luis Potosí)¹⁶ para o início dos levantes no México, OESP publicou a primeira nota a respeito, na qual destacava a relevância do movimento de oposição à ditadura de Porfirio Díaz:

Em vésperas de revolução? – Graves conflitos entre as tropas federais e os insurretos em Puebla – Muitos mortos e feridos – México, 19 (H.)¹⁷

Chegam notícias de Puebla [...] anunciando graves conflitos entre as tropas federais e as forças organizadas dos adversários do general Porfirio Díaz, presidente da república. [...] O sr. Madero, chefe opositor e ex-candidato à presidência da República, sendo entrevistado por um jornalista, que lhe pediu o seu parecer sobre o movimento insurrecional de Puebla, declarou que tal agitação é o prenúncio seguro de que a revolução não pode mais sequer ser evitada. “É apenas questão de dias, concluiu Madero, mas não há dúvida de que hoje ou amanhã há de rebentar a revolução, porque o povo já está farto de suportar a ditadura do general Díaz”.¹⁸

Observe-se que o jornal já se refere a “forças organizadas”, sob a liderança de Madero, e aponta a longa ditadura como o motivo de insatisfação do “povo”. Nos meses seguintes, o jornal paulista continuou noticiando o movimento e dando destaque para sua abrangência, reproduzindo informações telegráficas como a

¹⁶ Manifesto publicado por Francisco Madero, que havia concorrido com Porfirio Díaz nas eleições presidenciais de 1910, as quais, mais uma vez, deram a vitória ao ditador. Após ser preso, acusado de incitar a desordem, Madero foi para o Texas, de onde passou a liderar uma insurreição nacional para derrubar Díaz através das armas. Publicou, então, o *Plan de San Luis Potosí*, no qual declarou nulas as eleições, desconheceu as autoridades porfiristas e conclamou a população a uma insurreição nacional em 20 de novembro de 1910. O *Plan de San Luis* conseguiu reunir em torno da figura de Madero as mais diversas aspirações e demandas. Além de membros das próprias elites, insatisfeitos com a centralização política do porfiriato, a insurreição maderista foi apoiada pelos camponeses, tendo em vista que o Plano também previa a restituição das terras usurpadas às comunidades camponesas durante o porfiriato.

¹⁷ As letras que aparecem entre parênteses no início das notas referem-se à sua origem. A letra “H”, como neste caso, corresponde à agência francesa Havas que, junto com a estadunidense Associated Press – representada pela letra “P” – apareceu como fonte da grande maioria das notícias sobre o México publicadas tanto pelos diários argentinos quanto pelos brasileiros.

¹⁸ OESP, 20 nov. 1910, *Telegramas do Exterior*, 1ª pág. (A grafia de toda a documentação foi atualizada e/ou traduzida, conforme o caso, visando facilitar a leitura).

seguinte: “é opinião geral que o general Porfirio Díaz e sua política cairão desta vez”.¹⁹

O argentino *La Prensa* deu a mesma tônica aos acontecimentos, publicando notas, como a seguinte, que destacavam o avanço do movimento revolucionários: “continua se estendendo o movimento revolucionário no México. As informações recebidas a respeito são contraditórias, mas tudo indica que o atual movimento é de uma importância excepcional. [...] O manifesto de Madero circula com grande profusão.”²⁰

La Nación, por sua vez, poucos dias após o início dos levantes no México, dava destaque a um pronunciamento oficial, do ministro mexicano da Guerra, no qual ressaltava o controle da situação por parte das autoridades porfiristas, afirmando que “a tranquilidade renasc[ia] em todas as localidades sublevadas e que a autoridade do governo e[ra] restabelecida em toda a república”.²¹ Assim como *La Nación*, os brasileiros *Gazeta de Notícias* e *Minas Gerais* tenderam a minimizar o alcance do movimento revolucionário desde as primeiras notas que publicaram a respeito. Nos diários carioca e mineiro, entretanto, essa disposição se revestiu de uma estratégia discursiva mais elaborada.

Em uma das primeiras notas que publicou sobre o movimento mexicano, intitulada “Agitação no México”, o jornal *Minas Gerais* citou rapidamente os conflitos entre tropas federais e revoltosos em El Paso del Norte e Zacatecas e deteve-se em contar a história de cada uma das cidades, ressaltando a exuberância dos monumentos, igrejas e conventos de Zacatecas. Certamente essas informações ajudavam a situar os leitores, ao agregar referências sobre o México, mas não há dúvida de que a ênfase nos aspectos históricos e turísticos das cidades mexicanas implicava num significativo desvio de atenção em relação ao tema dos conflitos que se desenrolavam no país. Embora o jornal mineiro não tenha informado a seus leitores, esses comentários foram reproduzidos da *Gazeta de Notícias*, que havia publicado exatamente o mesmo texto, dois dias antes, sob a forma de uma “Nota da

¹⁹Idem, 21 abr. 1911.

²⁰*La Prensa*, 24 nov. 1910, *Boletín Telegráfico*, p. 11.

²¹*La Nación*, 25 nov. 1910, *Telegramas*, p. 7.

Redação”, incluída logo após a reprodução de um telegrama que informava sobre os conflitos mexicanos.²²

O mesmo ocorreu, alguns meses depois, em relação a um comentário sobre a suposta concessão do princípio de não-reeleição pelo ditador mexicano. Os editores de *Minas Gerais*, novamente sem explicitar, reproduziram outra “Nota da Redação” da *Gazeta de Notícias*, na qual se afirmava que, devido a suposta decisão de Porfirio Díaz, o movimento revolucionário deveria terminar em pouco tempo, ao que acrescentaram: “como se sabe, mais pelas complicações exteriores do que pelo poder mesmo dos revolucionários, a revolução no México ia abrindo um abismo insondável para a grande República espanhola da Norte-América.”²³

Portanto, mesmo com a iminência da queda da ditadura, os jornais carioca e mineiro continuaram minimizando a importância do movimento revolucionário no México. Em ambos essa disposição não se esgotou no início da revolução, ao contrário, revelou-se como uma tendência contínua, não só de minimizar seu alcance mas, sobretudo, de defender a ordem estabelecida.

Na Argentina, também *La Nación* seguiu minimizando o alcance do movimento revolucionário mexicano, apesar da iminente queda da ditadura. Ao receber notícias a respeito da renúncia de Díaz, o diário portenho acrescentou o seguinte comentário às notas recebidas:

pode ser que não seja tão delicada a situação do governo, que ainda conta com o exército, nem tão brilhante a dos revolucionários, os quais, por sua vez, têm interesses em dar informações alarmantes [...]. Apesar das notícias alarmantes que chegam dos Estados Unidos, parece certo que a revolução não conseguiu se impor em nenhum centro de importância [...]²⁴

A leitura dessas primeiras notícias publicadas pelos jornais brasileiros e argentinos sobre o México revolucionário indicam que suas abordagens guardam uma relação muito próxima com as posições por eles assumidas nos cenários políticos nacionais. Salta aos olhos o fato de que os diários que se identificavam a uma tendência mais conservadora em relação à política oligárquica em seus

²²*Gazeta de Notícias*, 22 nov. 1910, *Boletim Telegráfico*, Nota da Redação, p. 4; *Minas Gerais*, 24 nov. 1910, “Agitação no México”, p. 6.

²³*Minas Gerais*, 05 abr. 1911, *Diversas*, p. 6.

²⁴*La Nación*, 08 mai. 1911, p. 9.

próprios países deram destaque para pronunciamentos oficiais do governo mexicano e ressaltaram a superioridade das forças governamentais, procurando minimizar a importância do movimento revolucionário. Entre os diários argentinos analisados, essa abordagem foi empregada somente por *La Nación*, o único que comportava um discurso crítico à perspectiva de democratização da política nacional, um dos efeitos esperados da reforma eleitoral de 1912.²⁵ No caso brasileiro, o mesmo tipo de abordagem predominou tanto no oficial *Minas Gerais*, quanto na *Gazeta de Notícias*, jornal cujo perfil editorial era marcado por um discurso de independência política.²⁶ Já nos diários que se identificavam a uma postura mais crítica à ordem política em seus cenários nacionais – OESP, no caso brasileiro,²⁷ *La Prensa* e *La Razón* no argentino –,²⁸ a ênfase das interpretações

²⁵ Sobre a posição política de *La Nación* no período e sua histórica identificação aos interesses das elites sociais, consultar: SIDICARO, R. **La política mirada desde arriba. Las ideas del diario “La Nación”, 1909-1989**. Buenos Aires: Sudamericana, 1993.

²⁶ Um dos pilares que sustentavam o auto discurso da *Gazeta de Notícias* era a distância que o periódico assumia em relação aos partidos e às disputas facciosas, apresentando-se como uma imprensa independente de qualquer vinculação partidária. Para se ter uma ideia da posição assumida pelo jornal no contexto estudado, basta citar que este foi o único dos grandes diários da capital a não tomar partido na disputa que se estabeleceu entre hermistas e civilistas – alcunha empregada para caracterizar a oposição à candidatura e posterior governo do marechal Hermes, devido a sua identificação militar. Para maiores detalhes do alinhamento dos grandes jornais cariocas nessa disputa, consultar: SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1966. p. 375.

²⁷OESP era, no período estudado, a principal tribuna da oposição civilista e havia atuado como plataforma da campanha de Rui Barbosa, que concorrera com o marechal Hermes à presidência. O jornal paulista sustentou o discurso civilista não apenas no contexto eleitoral, mas manteve uma posição crítica de corte antimilitarista ao longo de todo o governo do marechal. Para uma perspectiva histórica da posição ideológica do jornal, consultar: PRADO, M. L.; CAPELATO, M. H. **O bravo matutino: imprensa e ideologia: o jornal O Estado de São Paulo**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.

²⁸ No cenário argentino, tanto *La Prensa*, que era o maior jornal do país, quanto *La Razón*, possuíam um perfil de tendências democratizantes, o que se manifestou politicamente no apoio de ambos à lei de reforma eleitoral, aprovada em 1912. *La Prensa*, a pesar de mais identificado às disputas políticas que permeavam as elites dominantes, demonstrava, desde sua fundação, em 1869, uma certa “inclinação popular”. Seus primeiros números foram distraídos gratuitamente e, nos anos seguintes, o jornal passou a prestar gratuitamente alguns serviços aos leitores. No início do século XX, para além de um jornal diário com preço acessível, *La Prensa* oferecia a seu público leitor serviços médicos e jurídicos, além do acesso a uma biblioteca com cerca de 25.000 volumes e também aulas de música. (SAÍTTA, Sylvia. **Regueros de tinta. El diario “Crítica” en la década de 20**. Buenos Aires: Sudamericana, 1998. p. 30-31). Por sua vez, o surgimento de *La Razón*, em 1905, marcou a emergência de um novo momento na imprensa argentina, como primeiro diário criado e dirigido por um jornalista profissional, Emilio Morales, e cujo perfil editorial fazia das classes populares o seu público-alvo. O jornal se eximia de vinculações partidárias e dedicava bem menos espaço que os dois maiores diários argentinos – *La Prensa* e *La Nación* – à discussão política, destacando-se o caráter informativo da publicação. *La Razón* era um jornal vespertino e saía em três edições diárias (com as peculiares denominações de 3ª, 4ª e 5ª edição), o que lhe permitia adiantar muitas das notícias publicadas no dia seguinte pelos matutinos. Sobre a história do jornal,

sobre a situação mexicana, desde o início, tendeu a ser colocada nas causas e proporções tomadas pelo movimento revolucionário.

Mas, com o desenrolar da revolução no México, as percepções dos editores dos jornais sobre a situação mexicana passaram a apresentar nuances e meandros bem mais intrincados. Dos diários de tendência política reformista, apenas *La Razón* se posicionou desde o início firme e definitivamente contra o governo e a personalidade do ditador mexicano, a quem qualificou de “um novo Ramsés”. O jornal portenho celebrou a luta revolucionária no México afirmando: “o povo mexicano, habituado já a uma longa e perniciosa dominação militar, tão absoluta quanto mansa, tinha finalmente que sacudir a pesada servidão que lhe impunha o chefe dessa ditadura, general Díaz.”²⁹

Já *La Prensa* e OESP, inicialmente apresentaram leituras ambíguas sobre Porfirio Díaz e seu governo, procurando encontrar um meio termo entre sua política autoritária e o progresso material alcançado em seus sucessivos mandatos. O diário portenho declarou explicitamente sua dificuldade em avaliar a questão. Referiu-se a Díaz como “mandatário, que durante trinta anos governou o México, fazendo irrisórias as práticas republicanas”; entretanto, destacou: “é muito difícil julgá-lo com critério desapassionado, mas não se pode deixar de reconhecer que realizou grandes e positivos progressos em sua pátria.”³⁰ Por sua vez, os editores do jornal paulista, na primeira matéria que publicaram sobre o movimento revolucionário mexicano, destacaram: “pode-se achar tirânico e ferrenho o seu longo domínio no México – e muitos já o têm achado – mas [...] o México, incontestavelmente desenvolveu, desenvolveu-se [*sic*] e progrediu sob o seu governo.”³¹ A ambiguidade desses discursos revela as dificuldades encontradas por grupos das elites latino-americanas ao tentar equacionar a defesa de valores políticos liberal-democráticos com as cristalizadas concepções positivistas, baseadas na dogmática cientificista de uma evolução no sentido do progresso

consultar: PERALTA, D. **El periodismo según “La Razón” a fines de la etapa Cortejarena (1917-1921)**. Los Polvorines: Universidad Nacional de General Sarmiento, 2005. p. 6. (Publicación electrónica) <www.ungs.edu.ar/publicaciones>. Acesso em: 24 mai. 2008.

²⁹*La Razón*, 02 dez. 1910, “El general Porfirio Díaz, un nuevo Ramsés II”, p. 4, 4ª ed. e 04 mai. 1911, “Revolução Mexicana: Porfirio Díaz em perigo”, 1ª pág., 4ª ed.

³⁰*La Prensa*, 19 mai. 1911, “A situação mexicana”, p. 11.

³¹OESP, 25 nov. 1910, “A insurreição mexicana”, p. 6.

material, amparada pela ordem social, que ainda se constituíam numa “linguagem de época” no alvorecer do século XX.³²

La Nación e *Minas Gerais*, por seu turno, expressaram uma defesa sem reticências do porfirismo e de seus métodos. Tal perspectiva, inclusive, levou ambos os diários a veicularem uma imagem pitoresca do ditador mexicano, o que, em grande medida, permitia ofuscar a relevância tomada pelo movimento revolucionário. Quando Porfirio Díaz ainda resistia à oposição generalizada contra seu governo, *La Nación*, num tom bastante sentimental, acrescentou o seguinte comentário às notas publicadas: “O general Díaz decidiu morrer no serviço da nação e nem sua filha Carmencita, a quem adora, consegue fazê-lo mudar de opinião.”³³ Já o diário *Minas Gerais*, transformou num gesto generoso a renúncia do ditador mexicano – realizada, de fato, sob efeito da intensa mobilização contrária a sua permanência no poder –, ao reproduzir parte de uma entrevista que supostamente foi concedida pelo então ex-ditador a um jornalista francês, a bordo do navio rumo à Europa. Falando sobre sua “voluntária abdicação”, Díaz teria afirmado: “eu não queria que se derramasse inutilmente o sangue de meus patrícios. O meu lema era: nada de guerra civil”. O mexicano teria justificado sua atitude dizendo que o conflito poderia implicar no “abalo do crédito” mexicano e ressalta que “o exército legal não sofreu nenhuma derrota”. Ao final da entrevista, questionado se pretendia voltar um dia ao seu país, teria declarado dramaticamente: “deixei o México sem pensar em voltar ali. Mas se, um dia, houver uma complicação internacional [...] então nada e ninguém serão capazes de reter-me a finalizar a minha vida como a iniciei como moço: com as armas na mão...”³⁴ Temos, assim, a figura heroica de Porfirio Díaz veiculada pelo jornal mineiro.

Em que pesem as diferentes perspectivas adotadas, até a primeira vitória da Revolução Mexicana, com a derrubada da ditadura porfirista, o elemento mais marcante em relação a todos os jornais analisados é o fato de que o interesse dos editores desses órgãos de imprensa pelos acontecimentos mexicanos não excedeu

³²A respeito da predominância da matriz positivista na América Latina nesse período, consultar: FUNES, P.; ANSALDI, W. Patologias y rechazos. El racismo como fator constitutivo de la legitimidad política del orden oligárquico y la cultura política latinoamericana. **Cuilco. Revista de la Escuela Nacional de Antropología e Historia, Nueva Época**, México, v. 1, n. 2, p. 193-229, 1994.

³³*La Nación*, 08 mai. 1911, *Telegramas*, p. 7.

³⁴*Minas Gerais*, 21 jul. 1911, “O presidente Porfirio Díaz, uma entrevista”, p. 6.

muito à reprodução de informações recebidas das agências transnacionais de notícias, às quais, por vezes, acrescentavam um pequeno comentário. Mas, com o prolongamento da guerra civil no México, o assunto passou a ganhar espaço também em editoriais e artigos assinados e, à medida que tornava-se mais evidente o sentido social do movimento revolucionário mexicano – que contava com a participação massiva de setores populares –, os jornais passaram cada vez mais a explorar a questão do “caráter” da população mexicana como base para explicar a instabilidade política do país. Isso ocorreu mesmo em jornais, como OESP e *La Prensa*, que inicialmente se posicionaram de forma mais favorável ao movimento revolucionário.

Os grandes jornais brasileiros e argentinos frente à faceta popular da Revolução Mexicana

Quando, no México, o assassinato do presidente Madero, no início de 1913, abriu um dos períodos mais convulsionados da Revolução Mexicana, OESP publicou uma análise da situação, assinada por um de seus principais colaboradores, Aguiar Andrade, na qual afirmava o seguinte: “Madero quis governar com a constituição, parecendo ignorar que o povo mexicano[,] em sua grande maioria composto por *peones*, raça inferior e semisselvagem, ainda está longe de poder compreender o alcance de um governo dessa natureza.”³⁵ Como se pode depreender do excerto citado, apesar da ocorrência da palavra “raça”, o tom pejorativo utilizado para se referir aos mexicanos não remetia diretamente a uma caracterização étnico-racial, mas principalmente a uma identificação social e muito claramente a seu pertencimento ao mundo rural. Essa percepção dos mexicanos, com sua perspectiva pejorativa em relação ao universo camponês, foi a mais recorrente nos jornais brasileiros, o que levanta um importante elemento de comparação em relação aos jornais argentinos, nos quais podemos identificar majoritariamente uma associação pejorativa dos revolucionários mexicanos à figura do “índio”.

³⁵AGUIAR ANDRADE. “A revolução no México”. OESP, 27 fev. 1913, p. 4.

Nem mesmo *La Prensa*, que buscou insistentemente aproximar as realidades argentina e mexicana, destacando o autoritarismo político como um problema comum a ambos os países, escapou dessa perspectiva. Segundo o maior jornal argentino, ainda que o contexto político de seu país apresentasse um quadro semelhante ao mexicano, “não chegamos aos extremos do México, porque aqui, felizmente, atuam poderosos fatores de salvação: a superioridade do grau médio intelectual das massas, o predomínio da raça européia.”³⁶ Assim, na percepção dos editores de *La Prensa*, em comparação com o México, no caso argentino o fator racial correspondia a um dos principais elementos de “superioridade” do país, o que tornava possível à Argentina alcançar a constituição de uma sociedade democrática sem a necessidade de uma guerra civil. Por outro lado, *La Nación*, em sua característica defesa da ordem porfirista, encontrou, na herança indígena mexicana, a explicação para as guerras e violências que assolavam o país. Na visão dos editores do jornal, o México, “sob a enérgica administração de Porfirio Díaz[,] havia conseguido nos enganar com uma aparência de tranquilidade e trabalho”, mas voltava a “atrair a atenção do mundo [...]. Em dois dias a capital do antigo império asteca voltou a presenciar as matanças do tempo de Montezuma.”³⁷

Muito embora os três diários argentinos tenham mobilizado, indistintamente, argumentos de tipo racial em suas análises sobre o México revolucionário, apenas *La Razón* produziu uma interpretação essencialmente racialista³⁸ dos eventos que se desenrolavam naquele país. Ao comentar a situação mexicana após o assassinato de Madero – comandado pelo general Victoriano Huerta juntamente com Félix Díaz, sobrinho de Don Porfirio –, os editores do jornal portenho consideraram que o episódio se constituía numa “restauração” da “arcaica entidade política”, operada pelo sobrinho do antigo ditador, “retrato moral

³⁶*La Prensa*, 27 fev. 1913, “A herança de um despotismo”, p. 9.

³⁷*La Nación*, 12 fev. 1913, “A revolução no México”, p. 9.

³⁸Empregamos o termo racialismo – conforme definido por Tzvetan Todorov, para identificar o uso de teses pretensamente embasadas em argumentos científicos nas análises das supostas diferenças raciais entre os grupos humanos, que marcaram o pensamento ocidental durante o século XIX – para diferenciar esse tipo de argumento do racismo enquanto uma manifestação da vida ordinária. Evidentemente, a perspectiva racialista não exclui – na verdade tende a aprofundar – os posicionamentos racistas. Sobre o pensamento racialista europeu, ver: TODOROV, Todorov. **Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. A respeito da apropriação das teses racialistas europeias pelas elites intelectuais latino-americanas entre fins do século XIX e inícios do XX, consultar: FUNES; ANSALDI. *Patologías...* Op. Cit.

e político do tio”. Nesse contexto, para criticar a política porfirista, “seus homens e seus métodos”, recorreram à origem genética dos Díaz, sobre a qual teceram o seguinte comentário:

De pai espanhol e mãe índia mestiça, de raça mixteca, pura até a geração anterior, [Porfirio] Díaz é, pois, um mestiço, como seu irmão mais novo Félix, o pai do homem a quem atribuímos maior influência que o próprio Huerta na atualidade do México. [...] Acaba-se de ensaiar nas cabeças de Madero e de Pino Suárez seus métodos, utilizados por seus homens. Logo veremos a sorte que eles reservam a seu desgraçado país.³⁹

Não apenas nesse caso, mas em várias das interpretações sobre a situação mexicana veiculadas por *La Razón*, os supostos elementos raciais, genéticos, atuaram como o principal parâmetro de explicação dos comportamentos políticos dos mexicanos, configurando uma análise marcada pelo determinismo biológico, pelo qual o elemento racial condicionaria os caracteres morais dos indivíduos. Nessa perspectiva, os editores do jornal argentino consideraram que o governo de Madero devia ser entendido como “um breve interregno”, numa história de anarquia e violência, e concluíram que a suposta “inferioridade racial” dos mexicanos seria o principal entrave para a consolidação de um governo estável no país. Com o prolongamento da guerra civil no México, o jornal, que havia criticado duramente o porfirismo, acabou veiculando a defesa da necessidade de um governo autoritário como único remédio para a situação mexicana. Mais uma vez, o aspecto racial apareceu como elemento central para a compreensão da situação do país revolucionário, sendo que, segundo a opinião dos editores de *La Razón*:

A anarquia na qual até hoje se debate o México prova que seu povo merecia e necessitava da férrea ditadura com que Don Porfirio no início dominou suas indômitas paixões, até aquietar seus levantiscos partidos e subordinar ao trabalho, à ordem e ao sossego absolutos as energias poderosas da raça.⁴⁰

Dessa forma, o critério racial, identificado às noções de anarquia e violência política, acabou se tornando o traço predominante nas representações da revolução, dos revolucionários e da população mexicana, de forma geral, veiculadas por *La Razón*. Não deixa de ser interessante, portanto, contrastar o

³⁹*La Razón*, 26 fev. 1913, “Os homens e seus métodos”, p. 3, 4ª ed.

⁴⁰*La Razón*, 03 jul. 1915, “General Porfirio Díaz: morte ontem em Paris”, p. 10, 3ª ed.

caráter racialista das análises desenvolvidas pelos editores do jornal com o fato de este mesmo periódico ter sido o único dos analisados, incluindo argentinos e brasileiros, em que a questão social apareceu de forma mais contundente nas interpretações sobre a Revolução Mexicana.

A ênfase dada exclusivamente por *La Razón* aos elementos sociais envolvidos no processo revolucionário mexicano relaciona-se diretamente ao fato de este jornal ter sido o único dos analisados a publicar textos enviados do próprio México, escritos por observadores diretos dos eventos mexicanos. Inicialmente, trataram-se de artigos enviados, em 1914, por Tito L. Foppa, um membro da diplomacia argentina no país revolucionário. Sua interpretação sobre a Revolução Mexicana, veiculada através das páginas de *La Razón*, aparece bem resumida na seguinte passagem:

Madero foi o líder do movimento político, mas conhecendo a existência da agitação agrária, fez de ambas as aspirações um só programa vinculando a segunda ao primeiro. [...] [ele] sofreu a influência dos senhores latifundiários e, de boa ou má fé, esqueceu os compromissos mais sagrados firmados durante sua campanha. [...] Os camponeses se lançaram novamente à revolta e o governo Madero, como o de Díaz anteriormente e o de Huerta depois, organizou tropas e mobilizou soldados para combater e exterminar o zapatismo, como se fosse fácil exterminar em um dia o que há um século é uma questão de vida ou morte para 13 milhões de seres. [...] [Madero] não soube ou não quis levar até o fim a revolução que, partindo de Morelos, até hoje é a mesma que açoita os campos do México.⁴¹

Assim, na perspectiva do diplomata argentino, reproduzida nas páginas de *La Razón*, a questão da terra no país revolucionário era “um problema secular econômico cujas raízes históricas encontravam-se na conquista” e “a repartição da terra fatalmente ter[i]a que se realizar, mais cedo ou mais tarde, se de fato se quise[sse] restabelecer a normalidade no México”.⁴²

Ora, a questão agrária não era um problema tão crucial na Argentina – cuja população já era majoritariamente urbana no período –, ao contrário do que ocorria no México e no Brasil; portanto, enfatizar a luta pela terra como um aspecto central da Revolução Mexicana não tinha o mesmo peso que dizê-lo, por

⁴¹FOPPA, Tito L. “Do país da tragédia”, *La Razón*, 02 mai. 1914, p. 4, 3ª ed.

⁴²Ibidem. 01 mar. 1914, p. 5, 3ª ed.

exemplo, no país vizinho. Ainda assim, os outros diários portenhos, *La Prensa* e *La Nación*, desviaram-se das reivindicações sociais, predominantemente agrárias, do processo revolucionário mexicano. Mas queremos chamar a atenção para o fato de que, o próprio *La Razón*, apesar de ter destacado a questão agrária como elemento central na Revolução Mexicana, assumiu uma postura de afastar-se da principal questão social que poderia gerar ressonâncias em seu país.

Enquanto na América Latina, de forma geral, os principais conflitos sociais do período localizavam-se fundamentalmente no campo – identificados com a questão da terra, sob as diversas formas que esta adquiria nacional ou regionalmente –, na Argentina a “questão social” referia-se, sobretudo, ao mundo urbano, caracterizado por uma precoce organização sindical – de caráter nacional e proeminência anarquista – e pela combatividade do movimento operário, sobretudo por meio das greves.⁴³ Já a questão agrária, além de não se apresentar como uma temática tão central para o país platino, também configurava-se de maneira muito distinta da situação mexicana (e brasileira), posto que referia-se fundamentalmente a conflitos entre estancieiros e colonos em torno dos preços dos arrendamentos.⁴⁴

Nesse sentido, é importante destacar que, quando o diplomata argentino, Tito Foppa, enviou seu primeiro artigo do México para *La Razón*, o fez sob a forma de uma resposta ao editor do jornal portenho, que lhe questionara sobre o caráter do processo revolucionário mexicano, no sentido de entender se tratava-se de um movimento anarquista. O questionamento é, em si mesmo, bastante revelador, pois

⁴³A Federação Obrera Argentina (FOA), criada em 1901, conseguiu reunir dezenas de organizações sindicais de todo o país, e definiu a greve geral como principal instrumento de luta. Os socialistas, que criticavam o voluntarismo e a violência que envolviam esse tipo de protesto, deixaram a organização no ano seguinte. A partir de então, os anarquistas tornaram-se hegemônicos no movimento operário argentino e, em 1905, o comunismo anárquico foi aprovado como a direção política da central sindical, cujo nome foi alterado para Federação Obrera Regional Argentina (FORA). Sobre a forte atuação do movimento operário argentino e as ações repressoras do governo durante as primeiras décadas do século XX, consultar: BEIRED, José Luis Bendicho. **Movimiento operário argentino: das origens ao peronismo (1890-1946)**. São Paulo: Brasiliense, 1984.; SURIANO, Juan. **Trabajadores, anarquismo y el Estado represor: de la Ley de Residencia a la Ley de Defensa Social (1902-1910)**. Buenos Aires: CEAL, 1989.

⁴⁴Ao contrário do mundo urbano argentino, que esteve marcado pelos conflitos sociais nas primeiras décadas do século XX, a situação no campo, de uma forma geral, foi menos tensa. O conflito de maior repercussão foi a greve dos colonos arrendatários de Santa Fé, em 1912, movimento que ficou conhecido como Grito de Alcorta. Ver: BONAUDO, M.; BANDIERI, S. La cuestión social agraria en los espacios regionales. In: FALCÓN, **Nueva historia argentina...** Op. Cit., p. 229-282.

mostra que a grande preocupação dos editores de *La Razón* se concentrava no perigo de uma revolução libertária. Assim, ao desmentir o caráter anarquista do processo revolucionário mexicano, a resposta do diplomata argentino ganhou destaque em *La Razón*, expressa de forma taxativa: “não é um movimento anarquista o que está se desenvolvendo no México [...] Zapata e Eufemio não são apóstolos de nenhuma tendência ou escola filosófica, eles são camponeses [...] cujas aspirações não vão além do reparto de terras.”⁴⁵ Se tal interpretação ressaltava a atuação camponesa, sem dúvida fundamental na Revolução Mexicana, ao mesmo tempo permitia afastar os olhares da mobilização anarquista, que também se fazia presente naquele processo revolucionário.

Embora não fosse comparável à magnitude da mobilização camponesa, o movimento anarquista marcou o processo revolucionário no México, principalmente através da propaganda do Partido Liberal Mexicano – organização de caráter anarquista –, por meio de seu “periódico de combate”, *Regeneración*.⁴⁶ O alcance do jornal libertário excedeu em muito o contexto mexicano, tendo chegado a circular em grandes cidades da América do Sul, como a própria Buenos Aires, além do Rio de Janeiro e de São Paulo. No período estudado, o periódico mexicano era lido por anarquistas na Argentina e no Brasil e constituía-se numa das principais fontes de informação que estes possuíam sobre a Revolução no México.⁴⁷ Nesse sentido, é possível supor que certamente o artigo de Tito Foppa não ganharia o mesmo destaque em *La Razón* caso sua resposta fosse positiva, no sentido de afirmar tratar-se de uma exitosa revolução libertária o processo que ocorria no México.

⁴⁵FOPPA, Tito L. “Do país da tragédia”, *La Razón*, 01 mar. 1914, p. 5, 3ª ed.

⁴⁶*Regeneración* foi fundado em 1900 e, apesar de suspenso em alguns períodos por falta de recursos financeiros e pelas constantes prisões dos redatores, continuou sendo publicado até 1918, circulando pelo México durante praticamente todo o período da guerra civil e impulsionando as classes trabalhadoras à ação direta, para a efetivação de uma revolução social. Sobre a atuação dos anarquistas mexicanos através do *Regeneración*. Cf. BARTRA, Armando. **Regeneración, 1900-1918: la corriente más radical de la revolución mexicana de 1910 a través de su periódico de combate**. México: Era, 1985.; PAULA, M. C. M. S. **Ricardo Flores Magón e a propaganda do Partido Liberal Mexicano**. Franca, 2005. 123 p. Dissertação (Mestrado) - Departamento de História, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Franca, 2005.

⁴⁷Sobre a circulação de *Regeneración* na Argentina e no Brasil e as leituras dos anarquistas sul-americanos em relação à Revolução Mexicana, consultar: YANKELEVICH, **Miradas australes...** Op. Cit.; e SOUSA, F. S. **Operários e camponeses: a repercussão da Revolução Mexicana na imprensa operária brasileira (1910-1918)**. Jundiaí: Paco, 2011.

Além disso, é necessário destacar que o endosso, por *La Razón*, da proeminência da reivindicação agrária na Revolução Mexicana não significa que os editores do periódico manifestassem qualquer tipo de apoio à ação das classes populares no movimento. Ao contrário: enquanto a questão agrária no México e a participação camponesa no processo revolucionário apareceram no jornal de maneira contundente – ainda que de forma pontual, apenas nos artigos de Tito Foppa –, a desqualificação da ação das massas indígenas no movimento mexicano foi continuamente operada pelo diário portenho. Os artigos do diplomata argentino, que destacavam a questão social envolvida no processo revolucionário do país do norte, rapidamente foram substituídos, nas páginas de *La Razón*, por textos do jornalista italiano Luigi Barzini, enviado do *Corriere della Sera* ao México; sua abordagem depreciativa dos mexicanos, realizada a partir de critérios raciais, expressava grande sintonia com a percepção dos editores do jornal argentino.

As análises do jornalista italiano, reproduzidas em *La Razón*, além de enfatizar os aspectos mais sombrios do processo revolucionário, colocavam em destaque, de forma extremamente negativa, a participação indígena na Revolução Mexicana, como se pode observar no seguinte trecho em que o referido jornalista apresenta sua visão do panorama mexicano em meados de 1914:

Tudo está queimado, destruído, demolido. [...] São as primeiras marcas da revolução que passa como um cataclismo... Na manhã obscura, cinza, triste e fria, no meio de solidões imensas, o espetáculo dessa ruína é angustioso. [...] De nosso trem descem alguns soldados das forças irregulares com grandes *sombreros*, carabina nas costas, cartucheira na cintura e arrastando o laço. Nenhum deles fala; não se ouve nada; a melancolia mexicana chega a uma intensidade fúnebre. Ao redor dos fogões de arbustos se aquecem grupos de soldados. [...] Estão silenciosos, sem nenhum gesto, na imobilidade característica dos índios, a imobilidade instintiva dos povos caçadores.⁴⁸

O quadro desolador, apropriadamente intitulado de “A devastação”, foi traçado por Luigi Barzini numa de suas “Notas de viagem no México”, publicada em *La Razón* apenas dois dias após a reprodução do último artigo de Tito Foppa. Enquanto um observador *in loco*, Barzini dificilmente conseguiria negar a participação popular, mais precisamente indígena, no processo revolucionário

⁴⁸BARZINI, Luigi. “A devastação”. *La Razón*, 04 mai. 1914, *Notas de viagem no México*, p. 5, 3ª ed.

mexicano; mas podia, como o fez, optar por colocar em primeiro plano a destruição causada pelas batalhas e os pretensos aspectos morais/raciais dos “pele-vermelhas”, como costumava se referir aos indígenas.

Conforme mostramos, *La Razón* foi o único dos jornais analisados que veiculou uma interpretação fundamentalmente racista da Revolução Mexicana, embora os demais jornais argentinos também tenham manifestado, em maior ou menor medida, a percepção de que compartilhavam de uma autoimagem da Argentina como “nação branca”, o que, também em todos, desembocou num olhar de “superioridade” em relação ao México. Uma visão depreciativa do “México indígena” transpareceu de forma latente nos diários argentinos independentemente de seus posicionamentos em relação à Revolução Mexicana. Já no caso dos jornais brasileiros, mais do que à figura do “índio”, os revolucionários mexicanos tenderam a ser identificados como camponeses, sendo descritos também de forma pejorativa e sua ação analisada sob as lentes estigmatizadoras das elites urbanas à frente dos grandes diários.

A posição dos grandes jornais brasileiros em relação aos intensos conflitos rurais que marcavam o Brasil no período ajuda a entender a abordagem utilizada em relação ao caso mexicano, cujas notícias que chegavam pelo telégrafo informavam uma situação bastante semelhante à nacional. No caso da *Gazeta de Notícias*, a postura do jornal se esclarece de forma absoluta no seguinte comentário de seus editores ante as notícias publicadas sobre o acirramento dos conflitos em Juazeiro e no Contestado:

Continuam, e cada vez mais deprimentes para os créditos do país, os grupos sediciosos e guerrilheiros em alguns estados do sul e do norte. [...] Esses bandos de perturbadores das administrações estaduais não podem continuar a sua impune assolação. [...] Quer se denominem revolucionários no Ceará, quer sejam conhecidos por fanáticos no sul, em Santa Catarina, o que não resta dúvida é que os presidentes dos estados que tal gente infesta precisam usar de processos definitivos para acabar, de vez, com semelhante e inexplicável desordem permanente. [...] É assombroso, pois, que passem meses e meses e um país, constitucionalmente constituído, cruze os braços diante de tanta carnificina, por motivos de inexplicáveis conciliábulo[sic] partidários, como se fosse possível considerar acontecimentos políticos assassínios e assaltos inspirados em ódios pessoais. [...] Para um governo realmente digno desse nome, o caso desse coronel como do monge Cícero não é,

não pode ser mais que um caso de polícia, que de ser liquidado em 24 horas, nem que seja preciso mobilizar o exército.⁴⁹

A passagem citada, sobre a situação do campo no Brasil, nos remete ao mesmo padrão do tratamento dado pelo jornal à participação popular no processo revolucionário mexicano: a simples descrição de situações de violência atribuídas às “atitudes ameaçadoras” dos camponeses “revolucionários”, completamente deslocadas de quaisquer reivindicações políticas ou sociais, sugerindo atos de puro vandalismo.⁵⁰ O mesmo ocorreu no jornal paulista, que publicou inúmeras notas como a seguinte: “os zapatistas torturaram, mutilaram e queimaram os passageiros do trem por eles assaltado em Ixtapa, México.”⁵¹ Mas o fator mais importante a destacar, em relação a esse aspecto, é que, sobretudo no caso do jornal *Minas Gerais*, o mesmo “protótipo” das notícias barbarizantes que circulavam pela imprensa internacional sobre os camponeses revolucionários mexicanos – que envolvia principalmente os zapatistas – foi utilizado para descrever os conflitos rurais que se desenrolavam no cenário brasileiro.

Assim, os leitores do diário mineiro eram informados de que, no México, “num ataque de zapatistas contra um comboio, os atacantes praticaram as mais revoltantes barbaridades contra os passageiros que lhes caíram nas mãos, dos quais muitos foram torturados e queimados, num saque desenfreado”. Enquanto isso, no Brasil, “continua[va]m chegando [...] notícias dos horrores praticados pelos cangaceiros, saqueando as casas de famílias e cometendo toda espécie de depredações.”⁵² Como se pode perceber, as notas citadas descrevem de forma bastante semelhante as supostas ações de “zapatistas” e “cangaceiros”, de maneira que permitem estabelecer uma analogia entre ambas figuras, às quais se atribui atos de barbárie descritos de forma sintética e absolutamente descontextualizada.

Essa estratégia discursiva foi sistematicamente empregada pelo jornal *Minas Gerais* – e, em menor escala também pela *Gazeta de Notícias* – principalmente nos períodos de exacerbação dos conflitos rurais no Brasil. No caso específico desse jornal, uma visão ainda mais fortemente pejorativa dos

⁴⁹*Gazeta de Notícias*, 03 jan. 1914, *Boletim Telegráfico*, p. 5.

⁵⁰*Ibidem*. 19 mar. 1912, p. 7.

⁵¹OESP, 14 ago. 1912, *Telegramas do Exterior*, p. 2.

⁵²*Minas Gerais*, *Telegramas e Notas do Exterior*, 14 ago. e 02 jun. 1912, p. 4.

camponeses revolucionários mexicanos foi veiculada através de um texto em que a imagem dos zapatistas foi associada ao nefasto elemento da enfermidade. Trata-se de uma nota, publicada em meados de 1913, situada na seção “Diversas”, que reunia pequenos textos que, em geral, não traziam assinatura ou identificação da fonte das informações. Tal foi o caso da nota em questão, na qual se lê o seguinte:

Entre os exércitos que se dilaceram no México, um existe, certamente o mais estranho que se conhece[,] encerrando o poder supremo do terror. Trata-se de um exército composto exclusivamente de soldados leprosos. É o exército do famoso general Zapata [...]. Sabe-se que a lepra no sul do México é uma moléstia comum, encontram-se lá leprosos com rostos horrivelmente mascarados de branco ou de vermelho ou de negro. Desses homens, reunidos, resolveu fazer uma força o general revolucionário, que mantém em permanente terror e sobressalto o governo da convulsionada república.⁵³

A associação do movimento revolucionário de origem camponesa a uma doença pode ser facilmente relacionada à predominância, na época, de teorias biologicistas de interpretação da realidade social, pensada enquanto um organismo que precisa funcionar harmonicamente. Conjugadas a um posicionamento que visava a conservação da ordem estabelecida, próprio de um jornal oficial, essas teorias levavam à interpretação dos conflitos sociais como “moléstias” que precisavam ser extirpadas, justificando-se, assim, o uso de métodos autoritários e violentos para a eliminação de quaisquer “sedições”. Não por acaso, tanto a aproximação das figuras de zapatistas e cangaceiros quanto a identificação do movimento camponês mexicano a uma enfermidade foram construções discursivas utilizadas por órgãos de imprensa que assumiam uma posição fortemente autoritária no cenário nacional, defendendo uma repressão violenta aos movimentos rurais no Brasil, como os diários *Minas Gerais* e *Gazeta de Notícias*.

O caso da nota citada, que opera a identificação dos zapatistas a um “exército de leprosos”, merece ser destacado não tanto por seu caráter exemplar, posto que tratou-se de uma ocorrência tópica e em um jornal oficial. Mesmo assim, acreditamos que essa nota torna-se representativa do conteúdo mais corrente das notas publicadas pelos jornais, tanto brasileiros quanto argentinos, durante os

⁵³*Minas Gerais*, 15 jul. 1913, “Diversas”, p. 3.

primeiros anos da Revolução Mexicana, na medida em que condensa de forma hiperbólica os principais elementos que caracterizaram seus discursos sobre a participação popular no movimento revolucionário. Além da descontextualização, a atribuição de atos bárbaros genericamente aos “revolucionários mexicanos” – descritos como índios, camponeses ou mesmo como bandidos – sem a existência de uma fonte de informação claramente identificada são o denominador comum entre o texto sobre a “moléstia zapatista” e inúmeras notas telegráficas que circulavam pela rede internacional da informação e que foram amplamente reproduzidas pelos jornais analisados.

Algumas considerações sobre as abordagens dos jornais em relação ao México revolucionário e as perspectivas analíticas abertas pelo uso da comparação

A análise comparativa da repercussão dada pelos grandes jornais brasileiros e argentinos aos eventos dos primeiros anos da Revolução Mexicana permitiu colocar em evidência dois elementos principais: por um lado, a multiplicidade de abordagens sobre o México revolucionário e sua relação com os posicionamentos assumidos pelos jornais nos principais debates político-ideológicos que marcavam seus contextos nacionais; por outro lado, o fato de que uma visão pejorativa em relação à participação popular no movimento revolucionário mexicano perpassou o discurso de todos os jornais analisados – tanto os brasileiros quanto os argentinos e independentemente das posições que assumiram frente a questão política mexicana – e converteu-se a abordagem predominante, à medida que tornava-se cada vez mais patente o sentido social que permeava a Revolução Mexicana.

Esse último aspecto pode ser facilmente explicado quando levamos em conta que os grandes jornais diários eram produzidos por setores das elites político-intelectuais de seus países, predominantemente identificadas aos centros urbanos. Mais do que uma localização geográfica, a cidade também representa um lugar social, o que configura-se num elemento de fundamental importância para a compreensão do olhar dos produtores desses periódicos em relação a um processo histórico cuja marca característica foi a participação massiva de populações

camponesas. Portanto, pensar os discursos dos jornais de grandes cidades sul-americanas sobre o México revolucionário não deixa de ser pensar as “leituras” da Revolução Mexicana realizadas pela “cidade modernizada” e letrada.⁵⁴

Mas o uso do método comparativo possibilitou ir além dessa constatação inicial da existência de uma dicotomia rural *versus* urbano nas interpretações dos grandes diários brasileiros e argentinos sobre o processo revolucionário mexicano, permitindo identificar que, no cenário argentino, tal dicotomia envolvia fortemente uma conotação racial, diferenciando-se, nesse aspecto, do caso brasileiro. A explicação para esse elemento remonta ao processo histórico de formação do Estado nacional argentino, que envolveu o extermínio de populações indígenas de parte de seu território – através de ações militares conhecidas como “campanhas do deserto”, que só terminaram em fins do século XIX –⁵⁵ e configurou um cenário marcado pela negação da presença indígena no país.

Como mostra a historiadora Mónica Quijada, embora boa parte das populações indígenas tenha permanecido no território argentino, as diferenças étnicas rapidamente foram traduzidas por caracteres sociais, identificadas à “marginalização” e “pobreza”. Nesse sentido, muito mais do que o extermínio físico dos indígenas, a “conquista do deserto” marcou o início da construção de um mito nacional, que passava pela auto identificação da nação argentina como “de raça branca”, sendo que a grande afluência de imigrantes europeus no período “contribuiu para dar uma aparência de ‘realidade demográfica’” a essa “elaboração identitária.”⁵⁶

Ora, no período abordado, exatamente essa presença indígena, negada pelo discurso oficial, ganhava o cenário público na Argentina, expressa em diversos levantes desencadeados por comunidades originárias da região do Chaco, recentemente incorporadas ao território nacional e forçadas a trabalhar nos

⁵⁴ Sobre os efeitos intensificadores da modernização sobre esse lugar social historicamente ocupado pela “cidade letrada” na América Latina, consultar: RAMA, Á. *La ciudad modernizada. In: ____ La ciudad letrada*. Montevideo: Arca, 1998.

⁵⁵ A respeito das Campanhas do Deserto, consultar: PASSETTI, G. **Indígenas e criollos: política, guerra e traição nas lutas no sul da Argentina (1852-1885)**. São Paulo: Alameda, 2012.

⁵⁶ QUIJADA, M. De mitos nacionales, definiciones cívicas y clasificaciones grupales. Los indígenas en la construcción nacional argentina, siglos XIX a XXI. *In: ANSALDI, W. (Coord.). Calidoscopio latinoamericano. Imágenes históricas para un debate vigente*. Buenos Aires: Ariel, 2006. p. 432-433, 436.

canaviais do norte.⁵⁷ Essas revoltas apareciam noticiadas pelos principais diários portenhos normalmente sob o título “Assalto de índios.”⁵⁸ Já no cenário brasileiro, no mesmo período em que eram noticiados os eventos mexicanos, desenrolavam-se intensos conflitos rurais – com destaque para os de Juazeiro e Contestado – cujas raízes na marginalização social das populações camponesas não se distanciavam muito da situação enfrentada por boa parte dos camponeses mexicanos que se lançaram no movimento revolucionário.

Realizadas em meio a esses cenários, o que as abordagens dos jornais analisados sobre a Revolução Mexicana sugerem – explicitamente ou de forma mais sutil, mas não menos reveladoras – é a consciência, por parte dos produtores desses órgãos de imprensa, de que muitos dos dilemas mexicanos encontravam-se presentes também nos contextos nacionais em que a situação do México era noticiada. Nesse sentido, destacar ou minimizar a importância dos acontecimentos mexicanos; ressaltar, negar ou desqualificar a participação popular – camponesa ou indígena – no processo revolucionário daquele país denotava muito mais do que tratar do México. Significava propriamente trazer ou não à discussão certos conflitos, reivindicações e contestações latentes naqueles cenários nacionais em que a Revolução Mexicana era noticiada. Evidentemente, como órgãos ligados às elites dominantes em seus países, os diários analisados não tinham interesse em ressaltar o caráter social de uma revolução que seguia vitoriosa. Dessa forma,

⁵⁷Embora a situação da chamada “pampa próspera” representasse a maior parte do mundo camponês argentino, a realidade do norte do país apresentava-se de maneira bem mais precária, além de marginalizada no conjunto nacional. Desde as últimas décadas do século XIX, boa parte da força de trabalho para a produção açucareira desenvolvida nas províncias do norte era recrutada entre comunidades indígenas da região do Chaco, que haviam sido incorporadas à órbita estatal no período e obrigadas a submeter-se a sistemas de coação do trabalho. Ver: CAMPI, D. *Economía y sociedad en las provincias del norte*. In: LOBATO, M. Z. (Dir.). **Nueva historia argentina. El progreso, la modernización y sus límites (1880-1916)**. Buenos Aires: Sudamericana, 2000. p. 71-118.

⁵⁸*La Prensa*, 22 jun. 1911, p. 10; *La Nación*, 14 mai. 1912, p. 11. Sob os títulos “assalto de índios” ou “malón de índios” os periódicos publicaram notícias de levantes indígenas no Chaco austral, em Salta e outras localidades do nordeste e noroeste argentino. Essas referências remetem à memória oficial da construção do Estado nacional na Argentina, a um imaginário em relação aos indígenas, construído no século XIX, que relacionava a figura do “índio” ao rapto de mulheres ou ataques a populações brancas indefesas, visando justificar as campanhas do deserto e os massacres das populações nativas que eram levados a cabo no período. Consultar a respeito: QUIJADA, M. “Hijos de los barcos” o diversidad invisibilizada? La articulación de la Población Indígena en la construcción nacional argentina (siglo XIX). **Historia Mexicana**, v. 53, n. 2, 2003, p. 469-510. Disponível em <http://historiamexicana.mx/pdf/131art_13_2080_18117.pdf> (Acesso em: 20 out. 2009).

sobressaem em seus discursos sobre o México precisamente as estratégias que lhes permitiram desqualificar ou desviar-se dessa faceta fundamental da Revolução Mexicana.

Se no que dizia respeito à dimensão política do movimento revolucionário mexicano – basicamente a luta contra a ditadura de Porfirio Díaz – as semelhanças nos posicionamentos dos jornais analisados frente aos eventos mexicanos independeram de seu pertencimento a contextos nacionais distintos; no âmbito da abordagem dada por esses mesmos jornais à intensa participação popular na revolução do México essa tendência se inverteu. Ainda que visões pejorativas dos camponeses revolucionários tenham sido veiculadas por todos os jornais analisados, a comparação entre Brasil e Argentina possibilitou identificar o caráter específico que essas abordagens ganharam nos periódicos de cada um desses países, conforme demonstramos.

Dessa forma, o desenvolvimento da análise confirmou que a comparação pode ser, como sugere a historiadora francesa Élise Julien, uma “salvaguarda preciosa” contra as “falsas similitudes” e também contra “oposições simplistas”⁵⁹ – que, no caso específico deste estudo, poderiam derivar tanto de uma simples associação dos jornais a seus respectivos países quanto da identificação de seu pertencimento a um mesmo lugar social, identificado às elites, independentemente do país em questão. O uso do método comparativo mostrou-se, de fato, indispensável para a percepção das nuances envolvidas nas interpretações dos jornais sul-americanos sobre o México revolucionário. A grande contribuição da comparação, neste caso, residiu na sua capacidade de levantar novas questões, o que permitiu enriquecer o estudo com problemáticas que certamente não seriam identificadas em uma análise restrita a um único contexto nacional. Nesse sentido, resulta bastante apropriada a proposição de Marc Bloch de que esta “boa ferramenta” serve-nos, mais do que à “interpretação dos fenômenos”, “primeiramente” à sua própria “descoberta”.⁶⁰

⁵⁹JULIEN, E. Le comparatisme en histoire. Rappels historiographiques et approches Méthodologiques. **Hypothèses: travaux de L'École doctorale d'Histoire**, Paris, Sorbonne, v. 1, n. 8, p. 190, 2005. Disponível em: <<http://www.cairn.info/revue-hypotheses-2005-1-page-191.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

⁶⁰BLOCH, M. **Pour une histoire...** Op. Cit., p. 19.

Referências Bibliográficas

- BARBIER, F.; LAVENIR, C. B. **Historia de los medios: de Diderot a Internet**. Buenos Aires, Colihue, 2007.
- BARBOSA, Marialva. **História social da imprensa. Brasil (1900-2000)**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- BARROS, J. D'A. História Comparada – da contribuição de Marc Bloch à constituição de um moderno campo historiográfico. **História Social**, Campinas, n. 13, p. 7-21, 2007. p. 20.
- BARTRA, Armando. **Regeneración, 1900-1918: la corriente más radical de la revolución mexicana de 1910 a través de su periódico de combate**. México: Era, 1985.
- BEIRED, José Luis Bendicho. **Movimento operário argentino: das origens ao peronismo (1890-1946)**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BLOCH, M. Pour une histoire comparée des sociétés européennes. *In: ____*. **Mélanges historiques**. Paris: SEVPEN, 1963. t. 1. p. 16-40.
- BONAUDO, M.; BANDIERI, S. La cuestión social agraria en los espacios regionales. *In: FALCÓN, R (Org.)*. **Nueva historia argentina. Democracia, conflicto social y renovación de ideas (1916-1930)**. Buenos Aires: Sudamericana, 2000. p. 229-282.
- BOTANA, N.; GALLO, E. **De la república posible a la república verdadera (1880-1910)**. Buenos Aires: Emecé, 2007.
- CAMPI, D. Economía y sociedad en las provincias del norte. *In: LOBATO, M. Z. (Dir.)*. **Nueva historia argentina. El progreso, la modernización y sus límites (1880-1916)**. Buenos Aires: Sudamericana, 2000. p. 71-118.
- FUNES, P.; ANSALDI, W. Patologías y rechazos. El racismo como factor constitutivo de la legitimidad política del orden oligárquico y la cultura política latinoamericana. **Cuilco. Revista de la Escuela Nacional de Antropología e Historia, Nueva Época**. México, v. 1, n. 2, p. 193-229, 1994.
- HERMANN, J. Religião e política no alvorecer da República: os movimentos de Juazeiro, Canudos e Contestado. *In: FERREIRA, J.; DELGADO, L. A. N. (Org.)*. **O Brasil republicano: o tempo do liberalismo excludente**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 122-160.

JULIEN, E. Le comparatisme en histoire. Rappels historiographiques et approches Méthodologiques. **Hypothèses: travaux de L'École doctorale d'Histoire**. Paris, Sorbonne, v. 1, n. 8, p. 191-201, 2005. Disponível em: <<http://www.cairn.info/revue-hypotheses-2005-1-page-191.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

MARINO, D. Dos miradas a los sectores populares: fotografiando el ritual y la política en México, 1870-1919. **Historia Mexicana**, v. 48, n. 2, p. 236, 1998. Disponível em: <http://historiamexicana.mx/pdf/131art_13_1872_16020.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2009.

MOUILLAUD, M. Da forma ao sentido. In: MOUILLAUD, M.; PORTO, S. D. (Org.). **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo 15, 1997. p. 32-5.

PASSETTI, G. **Indígenas e criollos: política, guerra e traição nas lutas no sul da Argentina (1852-1885)**. São Paulo: Alameda, 2012.

PAULA, M. C. M. S. de. **Ricardo Flores Magón e a propaganda do Partido Liberal Mexicano**. Franca, 2005. 123p. Dissertação (Mestrado em História) - Departamento de História, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), Franca, 2005.

PERALTA, D. **El periodismo según "La Razón" a fines de la etapa Cortejarena (1917-1921)**. Los Polvorines: Universidad Nacional de General Sarmiento, 2005. p. 6. (Publicación electrónica) <www.ungs.edu.ar/publicaciones>. Acesso em: 24 mai. 2008.

PRADO, M. L. C. Repensando a história comparada da América Latina. **Revista de História**, São Paulo, n. 153, p. 11-33, 2005.

PRADO, M. L.; CAPELATO, M. H. **O bravo matutino: imprensa e ideologia: o jornal O Estado de São Paulo**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.

QUIJADA, M. De mitos nacionales, definiciones cívicas y clasificaciones grupales. Los indígenas en la construcción nacional argentina, siglos XIX a XXI. In: ANSALDI, W. (Coord.). **Calidoscopio latinoamericano. Imágenes históricas para un debate vigente**. Buenos Aires: Ariel, 2006. p. 425-450.

_____. ¿"Hijos de los barcos" o diversidad invisibilizada? La articulación de la Población Indígena en la construcción nacional argentina (siglo XIX). **Historia Mexicana**, v. LIII, n. 2, p. 469-510, 2003. Disponível em:

<http://historiamexicana.mx/pdf/131art_13_2080_18117.pdf> (Acesso em 20 out. 2009).

RAMA, Á. La ciudad modernizada. *In: ___. La ciudad letrada*. Montevidéo: Arca, 1998. p. 61-82.

REYES MATTA, F. A evolução histórica das agências transnacionais de notícias no sentido da dominação. *In: ___. A informação na nova ordem internacional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. p. 55-72.

ROUQUIÉ, Alain. **O Extremo-Occidente: introdução à América Latina**. São Paulo: Edusp, 1991.

SAÍTTA, Sylvia. **Regueros de tinta. El diario “Crítica” en la década de 20**. Buenos Aires: Sudamericana, 1998.

_____. El periodismo popular en los años veinte. *In: FALCÓN, R. Nueva historia argentina (1916-1930)*. Buenos Aires: Sudamericana, 2000. p. 435-469. t. 4.

SIDICARO, R. **La política mirada desde arriba. Las ideas del diario “La Nación”, 1909-1989**. Buenos Aires: Sudamericana, 1993.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SOUSA, F. S. **Operários e camponeses: a repercussão da Revolução Mexicana na imprensa operária brasileira (1910-1918)**. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

SOUZA, M. C. C. O processo político partidário na Primeira República. *In: MOTA, C. G. (Org.). Brasil em perspectiva*. São Paulo: DIFEL, 1984. p. 162-226.

SURIANO, J. **Trabajadores, anarquismo y el Estado represor: de la Ley de Residencia a la Ley de Defensa Social (1902-1910)**. Buenos Aires: CEAL, 1989.

TODOROV, Todorov. **Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

YANLELEVICH, P. **Miradas australes: propaganda, cabildeo y proyección de la Revolución Mexicana en el Río de la Plata, 1910-1930**. México: Instituto Nacional de Estudios Históricos de la Revolución Mexicana, Secretaría de Relaciones Exteriores, 1997.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA:

Universidade Estadual de Maringá, Campus Regional do Vale do Ivaí. Praça Independência, n. 385 – Centro. CEP: 86870-000. Ivaiporã – Paraná. Brasil.